



Rubens Oestroem³

Entrevista feita com o artista Rubens Oestroem. O modelo de questionário teve como referência o livro de Joe Fig, *Inside The Painter's Studio* (Princeton Architectural Press, 2009)

1. Em que momento você se considerou um artista profissional, e quando se sentiu capaz de se dedicar à arte em tempo integral?

R.O. Ocorreu no passar de muitos anos. Minha formação levou um tempo exagerado pois venho do interior onde os primeiros contatos com a pintura eram bastante primários. Tirei a grande sorte quando fui para a Alemanha para estudar na academia de Düsseldorf e mais tarde em Berlim. Somente aos trinta anos de idade me senti mais seguro para me dedicar totalmente às artes, mais especificamente em 1985, quando retornei ao Brasil e tive meus quadros expostos na Bienal de São Paulo. Não considero a arte algo profissional e sim uma benção. Atualmente, estou em condição de me dedicar totalmente à arte, mesmo que não financeiramente.

2. Quanto tempo você tem estado em estúdio?

R.O. É importante estar o máximo de tempo em seu espaço de trabalho. O processo de criação depende muito do conhecimento dos materiais. Muitas vezes fico horas no estúdio apenas meditando e pensando sobre aquilo que aos poucos se vai fazendo presente na obra. Uma vez descoberta a ideia como um todo, então sim, mãos à obra. É muito processo de pintura, muito processo de preparação de diversos materiais agregados à pintura. Enfim, há necessidade de se envolver totalmente para que se tenha o

³ O artista Rubens Oestroem nasceu em 1953 em Blumenau/SC e desde 1988 reside na cidade de Florianópolis/SC. É gravador, escultor e pintor. Entre os anos de 1970 e 1973, estudou escultura com Elke Hering, Blumenau/SC; de 1975 à 1979 estudou gravura e pintura na Escola Superior de Artes de Dusseldorf/Alemanha; de 1979 à 1984 cursou Mestrado de Pintura na Escola Superior de Artes de Berlim/Alemanha, com Max Kaminski, Bernd KoBerling e Kuno Gonschoir e em 1984/85 cursou Pedagogia de Artes, também pela Escola Superior de Artes de Berlim/Alemanha. Desde o final de década de 70 participa de diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e fora dele.



máximo de concentração. Muito dificilmente se consegue trabalhar com mais gente no estúdio.

3. Quando você começou a trabalhar neste espaço?

R.O. Desde 1990 neste espaço do Sambaqui. Mas anteriormente sempre alugávamos casas com espaço suficiente para se ter um ambiente de trabalho. Na minha época de academia de arte - Escola Superior de Arte, em Berlim - fui muito privilegiado com os grandes espaços da academia e com os horários vantajosos que se iniciavam às 9h da manhã e iam até às 21h da noite.

4. A localização do seu estúdio influenciou seu trabalho de alguma forma?

R.O. Com certeza. Nestes últimos 26 anos, instalado em meio à natureza de uma área rural, com o privilégio de estar de frente ao mar, me transportou para aquilo que é todo o sonho de artista. Um espaço único, rodeado de natureza por todos os lados, que faz com que você conviva com o crescimento de árvores e vegetação. Tanto que me empenhei quase metade deste tempo em organizar o jardim e fazê-lo reviver com todo o vigor. Portanto, é a linguagem orgânica da vegetação junto a um sonho de arquitetura, da qual nos empenhamos com muita dedicação, desde os primeiros esboços até a construção de fato da casa, que foi desenhada a seis mãos (Rubens, Yara e o Cláudio Kock, arquiteto e amigo).

5. Você pode descrever um dia típico em sua vida? Seja bem específico, com horários e procedimentos.

R.O. Acordo cedo, tomo café, passo pelo meu estúdio, ligo o rádio. Vou para o jardim, e rego plantas. Às vezes vou para o mar e fico observando o mar e as pedras, os troncos velhos que flutuam. Depois, volto para o ateliê. Na parte da manhã é quando tenho mais capacidade de desenvolver questões na obra artística, devido à minha concentração e condição física. À tarde, vejo mais catálogos e, quando tenho uma obra importante, dou continuidade àquilo que já está iniciado. Mas sou capaz de mexer no jardim, cortar grama, fazer muretas, acimentar o que for necessário para as plantas, e consigo voltar novamente à marcenaria na confecção de meus objetos tridimensionais. Pelas 17h, me sinto exausto e necessito me distanciar da casa e dos compromissos, e então passeio com meu cachorro por uma hora. Quando retorno, já escuro, fico observando o pôr do sol ou o reflexo dourado da luz do sol no mar. Entro, tomo banho e lanche. À noite não faço quase nada.



6. Você costuma ouvir música, rádio, TV quando está trabalhando, e isso afeta o seu trabalho?

R.O. Sim, costumo ouvir rádio e algum CD de Jazz e, sem dúvida, afeta o ritmo de meu processo nas diversas atuações para bem. Mas muitas vezes desligo para que não me desconcentre.

7. Que tipo de tintas que você usa?

R.O. Tinta acrílica, ou melhor, resina acrílica com pigmento e outros diversos materiais orgânicos. Mas também costumo misturar óleo com acrílico. Guardo cinzas, diversas terras, serragem, pó de mármore, limalha de ferro, ceras como carnaúba, tronco de madeira, tocos, pedras, malhas e tecidos diversos, poliuretano expandido e também uso máquina de costurar, pois algumas obras necessitam de um processo de estofamento. Muito de meu processo se inicia no chassi, no trabalho de marcenaria, que já é pensado em função da pintura. Assim, as madeiras, as colas, a maneira de pregar e tensionar o material são parte do processo.

8. Fale um pouco sobre sua paleta de pintura.

R.O. Uso, ultimamente, camadas de veladuras que vão desde as cores até o branco. A colagem com lona, que funciona como relevo, e formas rasgadas da lona. Costumo usar máscaras com fita adesiva, e coloco na forma negativa, acrescida com resina acrílica, materiais diversos como carvão moído, pó de mármore, limalha de ferro e pó de madeira. Assim, a ferrugem faz parte de minha paleta, após a oxidação com a água do mar.

9. Existem objetos específicos (no ateliê) que têm um significado importante para você?

R.O. Cascas de árvores, troncos velhos, material descartável que reutilizo, principalmente, os que o mar traz de volta. O chão gotejado de tinta, onde faço esboços diretamente no chão e acabo por desenhar formas geométricas. Gosto de ter meus trabalhos expostos ao meu redor, seja no estúdio ou na casa, porque são motivos de pesquisa.

10. Você tem ferramentas que são exclusivas para o seu processo criativo?

R.O. Sim. Tenho sargentos especiais para montagem de chassi de tela. Como faço minha própria tela, uso alicates, grampeadores. Uso também chaplonas e mantas plásticas para recortes e máscaras; fitas adesivas para máscaras; mangueira com água para jatear a pintura ainda fresca ou ajudar na dissolução da tinta quando não seca totalmente e



também no amassamento de telas que não deram certo para um reaproveitamento.

11. Você trabalha em uma pintura (ou gravura ou projetos) por vez ou várias ao mesmo tempo?

R.O. Vários ao mesmo tempo. Reutilizo materiais de um processo para o outro. Agora inclusive, na escultura em madeira, enquanto acontece a secagem de uma obra, costumo trabalhar na outra. Muitas vezes existe uma exaustão num tipo de linguagem. Então costumo descansar em outros processos menos exigentes.

12. Quantas vezes você limpa seu estúdio e qual o efeito disso sobre seu trabalho?

R.O. Costumo varrer muito pouco, uma vez por semana. Mas no final do ano costumo pintar o chão que acaba sendo uma obra também. Como já disse, sempre está propenso a algum Design.

13. Quando você está pensando em seu trabalho, onde você costuma se sentar ou ficar?

R.O. Entre a luz e a obra, sentado em meu estúdio, ou quando estou andando com meu cachorro no fim de tarde. Muitas vezes isto acontece no momento mais inoportuno possível. Então só me resta anotar esboços rápidos para não me esquecer.

14. Como é que você escolhe ou cria os títulos?

R.O. De maneira sintética e poética, ou, muitas vezes, para simples identificação.

15. Você tem assistentes?

R.O. Não.

16. Alguma vez você trabalhou para outro artista?

R.O. Sim, para a realização da exposição de Buren, Kienholz e Kournellis, em Berlin.

17. Como um artista, você tem um lema ou credo?

R.O. Creio que o ser humano bom é a coisa mais maravilhosa sobre a face da terra.

18. Que conselho você daria a um jovem artista que está começando?

R.O. Aconselho a ele ter o máximo conhecimento do que se produz para que sua subjetividade esteja mais apurada possível, e que procure um certo isolamento das coisas mundanas, que acredite em sua capacidade artesanal e intelectual, que esteja sempre preparado para a pesquisa que lhe venha ocorrer.



